

Cultura do melhoramento da aparência feminina: Como o *makeover* nos filmes contribui para essa prática¹

Rossana Iândja de Oliveira Silva²

Igor Matheus Santos Belmiro³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Resumo

Este artigo analisa como o enredo do *makeover* em filmes contribui para a consolidação da cultura do melhoramento da aparência feminina. Parte-se da hipótese de que esse recurso narrativo funciona como tecnologia de gênero, reforçando padrões estéticos, valores patriarcais e ideais de consumo. A pesquisa tem abordagem qualitativa e exploratória, com análise de três filmes: *Estranha Passageira* (1942), *Cinderela* (1950) e *O Diário da Princesa* (2001). A fundamentação teórica baseia-se em autoras como Lauretis (1994), Wolf (2018), Zanello (2018) e Almeida (2007). Os resultados apontam que as narrativas de transformação física atuam como mecanismos simbólicos que disciplinam o corpo feminino, associando a aparência idealizada ao reconhecimento social, afetivo e profissional.

Palavra-chave: makeover; aparência feminina; cultura visual; tecnologia de gênero; cinema.

INTRODUÇÃO

Cotidianamente, somos bombardeados por imagens que promovem ideais de beleza altamente padronizados, especialmente no que diz respeito ao corpo feminino. Em um contexto em que as mídias estão repletas de imagens de corpos femininos minuciosamente editados, filtrados e moldados por padrões estéticos de beleza, é importante observar como a cultura do melhoramento da aparência se tornou central na forma as mulheres se apresentam e são percebidas.

Embora que essa prática pareça recente, ela tem raízes profundas na mídia, que há décadas reproduz imagens objetificadas do corpo feminino, frequentemente inserido em narrativas que sugerem sua necessidade de transformação, ajuste ou aprimoramento. Essa cultura sustenta-se na ideia de que a aparência da mulher deve ser constantemente

¹ Trabalho apresentado no GP Cinema do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação e Estudos da Mídia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: rossandja@gmail.com

³ Pós-graduando em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: igormsbelmiro@gmail.com

ajustada para atender a padrões normativos de beleza, geralmente mediados por estruturas de poder patriarcais (Wolf, 2018).

Ainda que esse fenômeno pareça recente, suas raízes são profundas e estão ligadas às práticas midiáticas que, desde o século XX, veiculam imagens que objetificam e normatizam os corpos femininos. O cinema, como uma das mídias mais influentes na constituição de imaginários sociais, exerce papel central nesse processo. Em especial, a narrativa do *makeover*, transformação estética drástica da personagem feminina, é um recurso recorrente em filmes que, sob a aparência de entretenimento leve, operam como verdadeiros dispositivos pedagógicos sobre como deve ser o corpo da mulher (Gonçalves, 2018).

O significado de *makeover*, de acordo com o *Oxford Learner's Dictionaries*, significa “o processo de melhorar a aparência de uma pessoa ou de um lugar, ou de mudar a impressão que algo dá”. Esse termo é utilizado para denominar as mudanças estéticas principalmente no cinema e audiovisual, em obras como filmes, séries e programas de reality-show. Segundo Gonçalves (2018) o *makeover* faz parte de uma cultura que “[...] incentiva a transformação de visual como estopim para uma mudança de vida, expõe seu caráter meritocrático, “premiando” quem se esforça para se adequar ao padrão.” (Gonçalves, 2018, p. 11). O *makeover* faz parte de um período mais tradicional dessa cultura de melhoramento da aparência, muito presente nos meios de comunicação.

Este artigo tem como objetivo analisar como o enredo do *makeover*, presente em diversas obras cinematográficas, contribui para a consolidação da cultura do melhoramento da aparência feminina. Parte-se da hipótese de que o *makeover* não é apenas um clichê narrativo, mas um dispositivo que reforça valores patriarcais, estéticos e de consumo (Zanello, 2018). Para isso, serão analisados filmes como *Estranha Passageira* (1942), *Cinderela* (1950) e *O Diário da Princesa* (2001), à luz de referências teóricas muito importantes como, Almeida (2007), Gonçalves (2018), Lauretis (1994), Wolf (2018) entre outros. Além disso, busca-se compreender como essas representações contribuem para a construção de subjetividades femininas baseadas na ideia de que a aparência idealizada é condição para o reconhecimento social, afetivo e profissional (Almeida, 2007). Assim, o artigo propõe uma reflexão crítica sobre a relação entre cinema, corpo e gênero, evidenciando como o *makeover*, ao invés de ser apenas um recurso de roteiro, funciona como uma tecnologia de gênero que ensina, disciplina e controla o corpo feminino na cultura visual ocidental (Lauretis, 1994).

O cinema, como uma das mídias mais influentes na constituição de imaginários sociais, tem papel fundamental nesse processo. Um exemplo recorrente é o enredo do *makeover* presente em inúmeros filmes protagonizados por mulheres, nos quais a mudança estética simboliza também aceitação social, sucesso romântico e reconhecimento pessoal. A recorrência desse tipo de narrativa revela mais do que uma escolha estética, mas sim uma espécie de domínio simbólico sobre os corpos e comportamentos femininos.

MELHORAMENTO DE APARÊNCIA FEMININO NAS MÍDIAS

A noção de que a aparência deve ser constantemente aprimorada é reforçada por representações que surgem sobre o corpo feminino. Nesse sentido, uma teoria que se mostra relevante para refletir sobre essas representações é a da tecnologia de gênero, proposta por Teresa de Lauretis (1994). Segundo a autora, o gênero não é uma essência natural, mas uma construção social mediada por discursos, práticas e instituições, entre elas, o cinema, a televisão e a publicidade. Esses meios funcionam como tecnologias que produzem e reforçam o que se entende por feminino ou masculino. O gênero feminino, nesse contexto, é frequentemente representado de forma mais limitada, controlada e objetificada, sendo o *makeover* uma das formas narrativas que reforçam essas expectativas sociais sobre a aparência e o comportamento das mulheres.

Valeska Zanello (2018) traz provocações a respeito da noção de dispositivo e gênero. Esse entendimento pode ser compreendido como um conjunto de práticas, discursos e representações que moldam comportamentos e identidades. É imprescindível destacar as questões de gênero, visto que analisamos prática voltadas ao corpo feminino. Segundo Kehl (2007 *apud* Zanello, 2018), com o capitalismo houve uma transformação na sociedade onde foi construído um espaço destinado às mulheres: a família nuclear e o lar burguês. Onde a principal função desse espaço é promover o casamento entre a mulher o lar. O que torna explícito como a sociedade patriarcal possui ideais de submissão feminina.

Lauretis (1994) afirma que o cinema é uma tecnologia de gênero que representa o feminino e problematiza a representação sexualizada “[...] os códigos cinemáticos específicos (por exemplo, a maneira de olhar) que constroem a mulher como imagem, como objeto do olhar voyeurista do espectador [...]” (Lauretis, 1994, p. 221). A

construção da mulher como objeto presente no cinema é perceptível a partir de filmes que possuem a estética como principal enredo da personagem.

Concomitante a isso, Ford e Mitchell (2004, *apud* Gonçalves, 2018) apontam que o primeiro filme *makeover hollywoodiano* foi o *Estranha Passageira* (1942)⁴, onde a personagem principal, Charlotte, interpretada por Bette Davis, faz uma transformação na sua aparência, como é possível ver na figura 1. No filme, pode-se ver a mudança de caracterização da personagem, onde o antes da transformação mostrava a Charlotte com roupas menos elegantes, cabelo menos ajeitado, sobrancelhas grossas e com o uso de óculos. Já após a transformação, ela aparece com um estilo de roupa mais elegante, sobrancelha fina, rosto maquiado, cabelo penteado com gel. De modo que atrai mais olhares positivos, diferente de como estava antes. Ainda segundo Ford e Mitchell (2004, *apud* Gonçalves, 2018), por mais que tenham colocado a atriz Bette Davis, considerada bela e dentro dos padrões estéticos da época, transformaram a sua personagem numa versão “patinho feio” para depois haver a transformação porque o produto final dessa mudança é mais surpreendente e digna de proporcionar um fascínio no público.

Na figura 1 é possível observar como no filme a transformação da aparência reflete a ideia de que o estado de “feiura” da personagem está diretamente ligado aos seus trajes, cabelo e rosto, especialmente no uso de maquiagem. Essa representação reforça uma cultura de valorização estética que persiste até os dias de hoje.

⁴ Filme de 1940 do diretor Irving Rapper. Sinopse: Uma filha é controlada pela mãe, que lhe determina tudo que deve fazer. Um dia um famoso psiquiatra vai na sua casa e a vê prestes a ter um ataque de nervos. O psiquiatra lhe recomenda algumas semanas em uma casa de repouso, que ele administra. Quando ela sai da clínica faz uma viagem de navio até o Rio de Janeiro e, na viagem, sente-se altamente atraída por um homem casado, que tem sentimentos recíprocos. Ao voltar para casa ela é uma mulher muito diferente, que agora age e pensa por conta própria, não aceitando mais as imposições da mãe. Fonte: < <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-1234/>>. Acessado em 4 de jan. de 2025.

Figura 1: Estranha Passageira (1942)



Fonte: Colagem própria, reprodução Estranha Passageira (1942)

Não podemos ignorar outro pioneiro do exemplo de *makeover* no cinema, mas dessa vez, sendo uma animação. Em *Cinderela* (1950), uma jovem é apresentada como possuindo uma beleza interior, mas veste roupas simples, desgastadas, refletindo sua tarefa doméstica. O *makeover* ocorre por intermédio da personagem Fada Madrinha, que transforma Cinderela em uma nova personalidade, apropriada para ir ao baile real. Este procedimento inclui a substituição das suas roupas por um vestido mais luxuoso, acompanhado de outros acessórios sofisticados, como o sapato de cristal. Esse *makeover* pôde afirmar que a personagem Cinderela é digna de estar em um evento luxuoso. Como afirma Lovelock (2017), a transformação reitera o vínculo para personagem se tornar quem ela é de verdade:

Sua famosa transformação física torna visível, de forma espetacular, uma beleza que ela já tinha dentro de si. No cerne do conto de Cinderela está uma compreensão do corpo, não apenas como uma superfície para exibição estética, mas como um veículo para se tornar quem você "realmente é" (Lovelock, 2017)

No filme *Cinderela* (1950)⁵, inicialmente, Cinderela é apresentada como uma jovem cuja postura e beleza interior são evidentes, mas cuja aparência externa reflete as condições adversárias impostas por sua madrasta e irmãs postiças. Vestindo roupas

⁵ Filme de 1950 com direção de Wilfred Jackson, Hamilton Luske e Clyde Geronimi. Com a sinopse: Cinderela (Ilene Woods/ Simone de Moraes) vive com sua madrasta, Lady Tremaine (Eleanor Audley/ Tina Vita), e as duas filhas dela. Obrigada a trabalhar como empregada da casa, ela tem como amigos apenas os animais que a rodeiam. O local em que vive está agitado devido ao baile que será realizado no castelo, o qual contará com a presença do príncipe (William Phipps/ Jorge Goulart). Como Lady Tremaine pretende que uma das filhas se case com ele, elas se preparam com requinte para o evento. Cinderela, entretanto, não pode ir. Até que surge a Fada-madrinha (Verna Felton/ Maria Helena Pader), que dá a Cinderela um vestido e condições para que possa ir ao baile em alto estilo. Entretanto há uma condição: Cinderela precisa retornar antes da meia-noite, caso contrário o feitiço será desfeito. Fonte: <<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-38826/>>. Acessado em 5 de jan. de 2025.

simples e desgastadas, ela é relegada às tarefas domésticas, o que simboliza que o seu *makeover* ocorre por meio da intervenção mágica da Fada Madrinha, que transforma Cinderela em uma figura apropriada para o baile real, como pode-se ver na figura 6. Este processo inclui a substituição de suas vestes por um vestido luxuoso, acompanhado dos emblemáticos sapatos de cristal e uma carruagem encantada. Esses elementos não apenas elevam sua aparência física, mas também servem como símbolos de sua entrada em um espaço social privilegiado.

Figura 2: Cinderela (1950)



Fonte: Colagem própria, reprodução Disney.com

Um gênero de filme que utiliza bastante o *makeover* nos seus enredos são as comédias românticas, que apresentam as protagonistas inicialmente como ‘desajeitadas’ e ‘feias’ e ao longo da trama, essas personagens passam por uma transformação significativa em sua aparência, conformando-se a um padrão estético de beleza que simboliza aceitação social e também sucesso pessoal. “Diário de Uma Princesa” (2001)⁶ é o exemplo de filme que cumpre esse recurso, já que “[...] sua caracterização física obedece com rigor a fórmula clássica das tramas de *makeover* [...]” (Gonçalves, 2018, p. 48).

⁶ Filme de 2001 com direção de Garry Marshall e a sinopse: O Diário da Princesa da Disney, um moderno conto de Cinderela, engraçado e emocionante. Mia Thermopolis (Hathaway) é uma adolescente brilhante, mas terrivelmente tímida e desajeitada, cujo principal objetivo é sobreviver cada dia na escola chamando o mínimo de atenção e evitando constrangimentos. Infelizmente, seu desejo de ser invisível é ameaçado quando sua avó chega e lhe dá a chocante notícia de que ela é uma princesa de verdade, herdeira do trono de Genóvia. Furiosa e relutante, Mia concorda em ter aulas para tornar-se uma princesa e tomar a decisão mais importante de sua vida em três semanas. Começa então a cômica transformação quando ela subitamente se vê no centro de uma guerra de mídia, das colegas enciumadas e de uma trama para controlar o seu país. Fonte: <<https://www.disneyplus.com/pt-br/browse/entity-8bc7dd86-3b1c-4630-a095-7efadbc47579>>. Acessado em 9 de jan. de 2025.

Figura 3: O Diário da Princesa (2001)



Fonte: <https://rollingstone.com.br/cinema/como-esta-o-elenco-de-o-diario-da-princesa-hoje/>. Acessado em 15 de maio de 2024.

Como apresentado na figura 3, *O Diário da Princesa* (2001) é outro exemplo de filme que segue o enredo do *makeover*, no qual a aceitação social e pessoal da personagem Mia ocorre após a transformação da sua aparência (Gonçalves, 2018). Essa mudança é representada claramente nas imagens ao seu lado esquerdo e direito, que ilustram como a personagem era antes da transformação: cabelos cacheados, postura mais retraída, óculos e sem maquiagem.

O contraste entre as imagens, que retratam a Mia antes e depois da transformação, evidencia o poder simbólico que a aparência exerce sobre a percepção da personagem pelos outros e por ela mesma. A transformação não se limita apenas a um ajuste físico, mas também a uma mudança no comportamento e na confiança da personagem. Ao abandonar seus traços considerados "não convencionais" pela sociedade, como o cabelo natural, os óculos e a postura reservada, Mia passa a ser vista de forma diferente, sendo valorizada por sua beleza "refinada", o que lhe garante a aceitação no círculo social desejado.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo adota uma abordagem qualitativa e exploratória, centrada na análise de representações do *makeover* em filmes selecionados, com o objetivo de compreender como essas narrativas reforçam a cultura do melhoramento da aparência feminina. Para

isso, foram escolhidos três filmes que apresentam o enredo do *makeover* como elemento central: *Estranha Passageira* (1942), *Cinderela* (1950) e *O Diário da Princesa* (2001).

A análise deste trabalho focou na observação das transformações visuais das personagens principais, considerando elementos como roupas, maquiagem, penteado e postura corporal antes e depois do *makeover*. Também foram observadas as implicações narrativas dessas transformações em relação à aceitação social e pessoal das protagonistas.

A escolha dos filmes permitiu investigar o fenômeno em diferentes contextos históricos e culturais, destacando a permanência e a adaptação do dispositivo *makeover* ao longo do tempo. A análise do presente artigo foi fundamentada em referências teóricas que abordam o gênero como construção social e o corpo feminino como objeto de controle e disciplina na cultura midiática, sendo composto principalmente por: Lauretis (1994), Zanello (19994) e Wolf (2018).

Esta metodologia teve como objetivo identificar os sentidos centrais atribuídos ao *makeover* nas obras analisadas, sem buscar uma análise exaustiva, mas visando destacar tendências significativas e contribuir para a compreensão de como funciona a cultura do melhoramento da aparência feminina no cinema.

CONCLUSÃO

Partindo da hipótese de que o *makeover* presente nos filmes não é apenas um recurso narrativo, mas um dispositivo que reforça valores patriarcais, estéticos e de consumo, este artigo analisou como esse enredo presente em filmes como *Estranha Passageira* (1942), *Cinderela* (1950) e *O Diário da Princesa* (2001) contribui para a consolidação da cultura do melhoramento da aparência feminina no cinema. A partir das referências teóricas como Zanello (2018), Lauretis (1994), Almeida (2007) e Wolf (2018), foi possível perceber que o *makeover* funciona como uma tecnologia de gênero que disciplina e controla o corpo feminino, ensinando às mulheres como se apresentar para serem socialmente reconhecidas e valorizadas.

Essas narrativas cinematográficas naturalizam padrões normativos de beleza, associando a transformação estética da mulher à conquista de aceitação social, sucesso afetivo e profissional. Mais do que uma mera mudança visual, o *makeover* expressa a interiorização de desejos moldados por dispositivos sociais, em que a aparência idealizada

se torna condição para a construção da subjetividade feminina e do pertencimento.

Além disso, conforme Wolf (2018), essa lógica reforça um sistema de dominação que explora o corpo das mulheres como mercadoria, exigindo investimentos contínuos em sua estética. Por isso, o *makeover* nos filmes não apenas entretém, mas também opera como um mecanismo simbólico que mantém a cultura do melhoramento da aparência, restringindo a diversidade e a autonomia das mulheres sobre seus corpos.

Dessa forma, este estudo reafirma a necessidade de uma reflexão crítica sobre essas representações midiáticas, estimulando o questionamento dos padrões hegemônicos de beleza e abrindo espaço para narrativas que valorizem a pluralidade e a liberdade estética feminina.

Referências

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. Consumidoras e heroínas: gênero na telenovela. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 177-192, jan.-abr. 2007. Disponível em: <https://bit.ly/2QU7QeA>. Acesso em: 3 de jan. de 2025.

GONÇALVES, Bárbara. **O Makeover em filmes adolescentes e o impacto do padrão de beleza no comportamento**. Trabalho de Conclusão de Curso – Jornalismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/16594>. Acesso em: 19 de jun. de 2024.

LOVELOCK, Michael. **A armadilha da transformação**. aeon, 2017. Disponível em <<https://aeon.co/essays/whats-behind-the-urge-to-uncover-an-authentic-self>>. Acessado em 5 de jan. de 2025.

LAURETIS, Teresa. Tecnologia de Gênero. In: HOLLANDA, Heloisa. **Tendências e Impasses: O feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: Cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Editora Appris Ltda, 2018.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.